"A psicologia me salvou. É nela onde encontro apoio"

Arquivo pessoal



Sair da escola e entrar para a graduação de psicologia foi, para Ângelo, um alívio e, consequentemente, a cura de muitos processos. Ele está há dez anos na profissão

No consultório do psicólogo Ângelo Rafael, 32 anos, há uma bandeira representativa da comunidade transgênero orgulhosamente disposta sobre sua mesa. "Presente de um paciente", recorda-se, com alegria. A satisfação não é em vão, nem se refere somente ao mimo. É que desde o início da transição, há quase um ano, foi no trabalho onde mais recebeu apoio, especialmente durante os atendimentos.

A reação positiva dos pacientes foi uma surpresa, visto que temeu perder essa conexão, caso houvesse estranhamento por parte deles. Aos poucos que "sumiram" neste meio tempo, o profissional é positivo e encara como uma espécie de "filtro", além de identificar-se com a ideia, lhe dita certa vez, de que "as energias tendem a nos aproximar dos pacientes que a gente precisa ou daqueles que a gente merece".

Em muitas sessões, escuta histórias de medo, dúvidas, descobertas e autonomia e, em tamanha relação de confiança, é impossível não reconhecer-se no outro. A troca é engrandecedora, também, para quem ajuda a curar. Hoje, seu maior público é composto por mulheres cisgêneros e por pessoas trans, muitos que conheceram seu trabalho por meio do perfil no Instagram *@transnaomono*, desenvolvido em formato de diário para explorar temas como sexualidade, gênero e não monogamia.

Nas redes, foi onde sentiu-se mais confortável para se assumir, a primeira vez, como bissexual, e a segunda, como transexual. "Saí do armário duas vezes e de fora para dentro de casa. Foi muito difícil contar, especialmente, para minha mãe. Para as minhas irmãs mais novas, de outra geração, foi até engraçado,